




PORTE
PAGO

Quinzenário * 4 de Janeiro de 1986 * Ano XLII — N.º 1091 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANIVERSÁRIO

◆ Gravadas na alma as cartas de Fogo que chegaram até nós neste Natal.

Nelas: A partilha do pão; a comunhão da Palavra; a descoberta do Outro; o carinho pelas Crianças; a ânsia de Deus. Bem no fundo, esta ânsia que atrai conosco para os píncaros e faz nascer, entre nós, os laços da verdadeira fraternidade. Seara imensa de espigas loiras! Foi grão pequenino. Apodreceu. «Se a semente de trigo morrer, dará fruto abundante.» Quarenta e seis anos! Todos os dias a semente na terra! Sempre renovado o milagre da seara ondulante!

◆ «A Casa do Gaiato abriu no dia 7 de Janeiro de 1940, com 3 gaiatos: Mário Dinis, de 11 anos, da Sé Nova; José Araújo, de 9 anos; e Aristides de Araújo, de 8 anos, ambos de Santa Cruz, de Coimbra.»

Quase todos os dias há um que faz anos. A senhora arranja um prato com doces e rebuçados e lá vem ele à nossa mesa dar a novidade e oferecer uma bolacha. Damos um beijo e parabéns, e ele vai oferecer aos mais amigos. É sempre um gesto novo dentro da rotina. Os doces e os rebuçados são por conta-gotas; por tal, mais apreciados. Têm um valor e significado maior do que as mesas lautas dos meninos que têm tudo.

Nas Casas do Gaiato, o Aniversário da Obra da Rua é igual: Uma palavra meio tímida n' O GAIATO, a celebração eucarística e mais nada. Não tem festa.

Mas consolemo-nos com a certeza do esforço comum para, todos os dias, pormos o grão na terra. A certeza da semente no pão repartido!

Quando o nosso que faz anos entra no refeitório com os seus bolos, todos batem palmas! Nos 46 anos, com o pratinho de bolachas na mão, a nossa Obra espera as vossas. Palmas podem expressar: alegria, gratidão, arrependimento, perdão e amor.

Parabéns Pai Américo; sabemos que estás feliz a olhar o Ricardo que, mesmo agora, entrou no refeitório de bandeja

na mão e ao som de palmas. Palmas também para ti por teres sido a semente que apodreceu! Hoje, a seara loira que ondeia na campina!

◆ Faz, pois, 46 anos que Pai Américo recebeu e aceitou o dom de Deus para o pôr carinhosamente e sem desfalecer, num campo específico — os mais abandonados.

Obra da Rua ou Obra do Padre Américo é este dom — tarefa que Deus indicou. Mais nada. Só o Senhor é. Só Ele realiza e põe o incremento. Ele o Alicerce. Distintivo: o Santíssimo Nome de Jesus. Também, necessariamente, nestes anos floridos, a reflexão que se nos impõe: — Em que medida de doação temos aceitado e correspondido ao dom do Senhor?

Não é da nossa conta, nem Ele nos pede que cheguemos ao cume; mas, isso sim, que não fiquemos enredados nas veredas da encosta.

Não podemos, por um momento sequer, perder a confiança. Homens afadigados que apesar das veredas escuras

Cont. 3.º pág.



O berço da Obra da Rua

Foi na tarde do dia 7 de Janeiro de 1940. Pai Américo alugou um carro de praça em Coimbra e trouxe os dois pequenitos irmãos, José e Aristi-

des, e o Mário Dinis. Foram estes três os primeiros filhos da Obra da Rua que é hoje uma grande Mãe, com o primeiro nome de Casa de Repouso do Gaiato Pobre, em Miranda do Corvo.

Já lá vão 46 anos. Esta pequenina Casa-mãe abriu os braços, as entranhas e o coração — e gerou filhos que já receberam e criaram milhares de filhos; filhos queridos que vão testemunhando em suas vidas o amor que a Mãe lhes deu e continua a dar.

Só as Obras de Deus realizadas nos corações e nas vidas de homens crentes são capazes de fazer estas maravilhas — transformar aquilo que não vale em obras maravilhosas, especialmente quando seres humanos.

Desde a primeira hora, Pai Américo teve a certeza de que todas as obras dos homens feitas em Nome do Senhor e a Ele confiadas não hão-de morrer e serão sempre sinais de Vida.

Padre Horácio



Hoje, perfaz 38 anos de existência a Casa do Gaiato de Lisboa.

AQUI, LISBOA!

«Era em Junho de 1947. Eu até recordo o dia e também o lugar. Foi a 27 que naquele ano calhou ser o dia do Coração de Jesus. Eu passava e entrei casualmente na Basílica da Estrela. Quando saía, entrava Sua Eminência o Cardeal Cerejeira que disse ter necessidade de me falar... Sim, senhor. Na tarde daquele mesmo dia apresentei-me. Falámos. Era a Casa do Gaiato de Lisboa.» (Pai Américo)

Precisamente nesta data perfaz esta Casa 38 anos de existência. Em Agosto de 1947 principiaram as primeiras obras de restauro do rés-do-chão para refeitório e cozinha. No dia 26 de Dezembro chegaram os fundadores — cinco gaiatos

de Miranda do Corvo: Octávio Mendes Peres, Carlos Alberto Freitas, Manuel Dias, Pedro João Sá Lebre e Alfredo Sena; e cinco de Paço de Sousa: Constantino de Jesus, Mário Prudêncio, Mário «Rouxinol», Manuel Alves Sá Couto e Quintino de Almeida. Feitas as limpezas e devidos arranjos era a Casa inaugurada a 4 de Janeiro de 1948, dia do Santíssimo Nome de Jesus. Como escreveu Pai Américo, aqui mesmo, «o ano de 1947 foi de trabalho no Tojal e, nos primeiros dias do seguinte, abriram-se de par em par as portas da Casa do Gaiato de Lisboa.»

Já agora, vale a pena com-

Cont. na 4.º pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

NATAL — Na nossa Casa só se fala do Natal. E o assunto mais discutido são as prendas...

Em todas as nossas habitações há um Presépio e uma árvore.

Ensaíamos novas músicas de Natal para cantarmos na Missa do Galo e para assim podermos participar melhor na Festa do Nascimento de Jesus Cristo.

Por falar no Natal, estive eu e mais um colega na Senhora da Hora, reunidos com jovens daquela paróquia e, naturalmente, o assunto principal foi o Natal. Ouvimos o testemunho de uma menina de 11 anos muito pobre, que, disse, «*não ter prendas nem ceia de Natal porque os pais são muito pobres, mas mesmo assim não vou deixar de gostar de Cristo porque sei que Ele gosta muito de mim e é muito meu Amigo*».

Gostava de deixar uma mensagem aos nossos Leitores: Que não vivam este Natal só materialmente, mas sim espiritualmente.

Votos de um Feliz Natal e um próspero Ano Novo são os desejos de todos nós para os nossos amigos Leitores.

CONVÍVIO FRATERNAL — Cinco dos nossos Rapazes participaram no Convívio n.º 272.

Foi uma oportunidade que tiveram de se encontrar com Cristo Jovem e com Deus. Três dias cheios de acontecimentos novos!

No encerramento estiveram alguns convivas mais velhos e puderam ver que aqueles jovens, que não se conheciam, ao acabarem este Convívio ficaram a conhecer-se interiormente e fizeram amizades sólidas e sabem que podem desabafar e pedir ajuda aos outros.

Decerto foram momentos que fica-



Mais um casamento: O Jorge Alvor («Eusébio») — da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — e a Felismina.

rão gravados nas suas memórias para sempre.

Viu-se que estão desejosos de enfrentar a vida com Cristo. Viu-se que querem espalhar a Boa Nova, divulgar o Amor de Deus e, como um jovem disse no encerramento do Convívio, que «os jovens já não são uma esperança nos dias de hoje — são uma certeza».

VISITAS — Recebemos, há já algum tempo, a visita do Padre Abel. Ao entrar no nosso refeitório recebeu uma salva de palmas ruidosa — que certamente não irá esquecer tão depressa e que mostra o nosso agradecimento por tudo o que fez por nós enquanto esteve em Paço de Sousa.

Continuamos a receber a visita de muitos amigos que, nesta época, são atraídos pelos mais pequenos, para os Presépios que temos nas moradias da nossa Aldeia.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Entre as imagens de Natal, no reino dos Pobres, escolhemos o problema duma família cuja renda de casa foi inteiramente de conta dos nossos leitores, durante longos meses, porque o pai era vítima do desemprego (num País em vias de desenvolvimento...).

Entretanto, o homem consegue um posto de trabalho — *«uma agulha no palheiro»* — mas *«ganha só 17 contos»* líquidos e o aluguer da moradia passa dos sete. Equaciona a mulher: *«A gente fica sem nada entre mãos, a meio do mês...! Os ganhos são pequeninos, não dão para sustentar a casa. Temos de viver sempre com pouquinho... S'ò menos pudessem dar-nos uma ajuda prò leitinho dos filhos»* — suplica de lágrimas nos olhos.

Está a gerar mais um bebé. E a verdade é que ninguém sente melhor o drama dos filhos como as próprias mães. São carne da sua carne, sangue do seu sangue. Geralmente, ela pensa sempre mais nos filhos do que no casal: *«S'ò menos pudessem dar-nos uma ajuda prò leitinho...»* O amor de mãe! Não há nada que o substitua! Daí, Pai Américo já reconhecia ser melhor ajudar as mães qualificadas do que arrumar os filhos noutros locais.

Como procedemos em casos idênticos, vamos fornecer leite às duas crianças. Leitinho de vaca, ordenhado pelos lavradores e comprado directamente pelos Pobres nas cortes de gado, aos pés do lameiro. Leitinho espumante, alvo como a neve, puro como o ar que se respira entre os pinheiros.

Nos finais do século XX, na era da Cibernética, quantas crianças nascem e crescem sem um pucarinho de leite (já a peso d'ouro por cá, ao preço da CEE...)? Não é só lá fora, no Terceiro Mundo, que há fome. Aqui também, em nossa Pátria bem amada e céu de todos nós. Temos uma baixa captação de leite, ainda que, aqui e

ali, supram um pouco as carências existentes — particularmente a nível de Ensino Básico. Porém, em alguns locais (assim acontece, infelizmente) há crianças, antes da idade escolar, que em vez de leite ingerem vinho. Como podem ter aproveitamento escolar?!

Eis um trabalho aliciante para os recoveiros dos Pobres, para os voluntários do serviço social nos meios rurais e nas zonas suburbanas.

Em suma: dar leite a crianças pobres, é dar vida e saúde ao corpo da Nação!

PARTILHA — É uma riquíssima precissão que nos prostra de joelhos, face à grandeza das almas que escutam o Mandamento Novo — e acodem à voz dos Sem-voz! *«Nunca deixem de bater nos corações dos que têm o necessário para fazer face à ascensão dos preços, motivando-lhes o desejo de repartir, mesmo quando essa partilha é pequena como a minha»* — sublinha uma Isabel, de Gaia. No círculo vicioso da inflação — seja onde for — os Pobres são os mais sacrificados!

Temos de ser breves...! O Menino Jesus — Jesus Pobre no sub-mundo da miséria — fere o coração de muitos leitores. Entre as presenças mais habituais temos os assinantes: 9059, 31104, 675, 32517, 7649, 28369, 19177, 3359, 26471; *«Avó de Sintra»*; Rua 20, de Espinho; *«Eu e Ela»* (que bem!); casal do Fundão; Amiga que nos visita, assiduamente, deixa algo num delicado sobrescrito e acrescenta mais *«por alma de Germano»*, uma leitora de Cête; A. F. (há quantô tempo!); mais a simpatia de *«uma portuense qualquer»*. O Porto é assim mesmo!

Agora, vêm lá samaritanos(as) de mãos dadas a Viúvas pobres. Elas são das mais sacrificadas — também das mais expostas a todos os perigos — e parece não se dar fé deste problema moral, social, nacional! O que é uma pensão dita de *«sobrevivência?»*!... Registamos a presença dos(as) assinantes: 19305, 17258, 26471, 14802; mais uma *«Viúva de Matosinhos»* e Maria, de Torres Novas.

Para outros casos referidos nesta coluna: *«Uma Anónima»*, d'algures, *«que tem de assinar o cheque»*; assinante 1340 (S. Gemil-Ermesinde), 25422 (Mafamude-Gaia), 28731 (Tomar) e *«migalhinhas»* de quem *«lê O GAIATO de fio a pavio»*.

Mais do que os valores materiais, dissemos de entrada, contam os valores espirituais. São intenções postas. São almas em sintonia com os Pobres — e com Deus-Pai. Enfim, todo o Caminho que nos leva — se quisermos — ao Céu.

Cheque da assinante 20098. Vale da 17022. Sobras do assinante 32960 para *«repartirdes como Senhor se serve de vós como instrumento nas Suas Santas Mãos»*. Assinante 31937, um cheque e uma nota: *«Fui vicentina na lha da Madeira. Agora, os 80 anos não deixam...»* Outro cheque do assinante 6649 *«pedindo a Deus para mandar, sobre todos, a Sua Paz»*. Mensagem de Natal! Assinante 14165, um donativo *«para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»*, implorando, a Deus *«resignação»*, em certas *«provações»*. Albino, de Lisboa: *«Não sou rico, mas remediado, e sempre*

que é possível mando umas migalhas».

A presença de Paderborn (Alemanha Federal), a costumada de Umbilo (África do Sul), mais Agualva (Sacavém), Silvalde (Espinho), e os assinantes: 7464, 23862, 28049, 14584, 3304, 23334, 27975, 34627, 12922, 16537, 11491. Mais, ainda, da Rua Nove de Abril (Porto), Vila Nova de Famalicão, Vila Real, sacerdote dos lados de Guimarães, Rua do Rosário (Porto); *«Um casal de velhotes»*, também da cidade Invicta; Beco dos Ciprestes (Setúbal). Outro cheque da Rua Duque de Saldanha (Porto); Beco da Carqueja (Coimbra); Ilhavo; Olivais-Sul; e Foz do Douro.

Retribuímos, com Amizade, os melhores votos de Santo Ano Novo; e agradecemos tudo, tudo, em nome dos Pobres da nossa *«Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa»*.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Tocou-me, desta vez, escrever estas linhas como confrade e antigo gaiato — mas sempre actual gaiato.

Visito duas famílias em Miragaia que me foram apresentadas pelo nosso Padre Telmo. A princípio faltou-me a coragem, mas depressa a ganhei, quando vi a necessidade daquela gente. A nossa e vossa ajuda são necessárias, mas a nossa comparência e permanência — nem que seja uma hora junto do visitado — são frutuozas e nós sentimo-nos mais pequenos e felizes.

Caros Leitores, não me levem a mal, mas os Pobres precisam de tudo: roupas para os filhos, camas, cadeiras, cobertores (dos quais já falámos e graças a Deus fomos ouvidos, mas ainda não chegam). Quanto mais nos ajudarem mais poderemos distribuir por estas famílias, por estes nossos irmãos.

Uma senhora do Marco de Canaveses enviou três casaquinhos de malha, de bebé recém-nascido, e que jeito fizeram! Já temos bebé a quem os vestir.

Recebemos a carta de D. S., uma jovem estudante, que nos envia 500\$00 das suas economias. E faz um apelo a todas as pessoas, em especial aos Jovens, para que colaborem com os mais pobres. E diz mais: que «o futuro é dos jovens e a eles compete fazê-lo melhor no amor e na caridade».

Vamos todos ter o nosso Pobre no espírito e cada um dar qualquer coisa de si. Nunca a mão esquerda veja o que a direita dá. Vamos dar sem vaidade, mas com justiça. Os Pobres agradecerão a Deus — que vos dará cem por cento.

Obrigado.

Cristiano

Miranda do Corvo

TIPOGRAFIA — Foi construída com sacrifício e está pronta.

Começaram a aparecer encomendas e já saíram algumas. Em últimas crónicas temos dito que esperamos

mais para que ela funcione. Para aprendermos é preciso algo que movimente.

Mas devagar se vai ao longe... As máquinas, com o barulho característico, dão esperança de que muitos aprenderão ali alguma coisa e terão um caminho profissional a seguir — se quiserem.

NATAL — Quando escrevo para o jornal, estamos nas vésperas do Natal que tentamos festejar. Será?

Mas deixo a reflexão para cada um. Desejo que seja profunda e simples. Que nessa reflexão se oiça o remechar das palhas e se sinta o calor do bafo dos animais e aceitemos o Senhor Jesus.

Até 25 de Dezembro andámos nas horas vagas a preparar um convívio para o Natal.

Cada um no seu quedar. Havia muito interesse. Ensaio para aqui e para acolá com criatividade. Canções, peças e *compêes*, danças e poema de Natal.

Um cenário: nós com entusiasmo e bem abertos à alegria formando no fim um presépio vivo.

Quisemos terminar o programa em diálogo com Deus, de mãos dadas.

E por outros lados anda a preocupação da preparação das refeições, das sobremesas, do vestuário, da limpeza, e mais os enfeites com o presépio montado no mesmo local.

Além deste ambiente movimentado, há também o nosso interior onde preparamos espaço para poder conter um presépio verdadeiro.

TRABALHO — «Quem não trabuca não manduca.»

Durante as férias estamos mais juntos e o trabalho é feito com mais calma e depressa se faz.

Uns de enxada rasa, dentro do atrelado do tractor, pela estrada fora lá vão até ao pinhal.

Rapa-se aqui e ali. O pinhal fica limpo e a estremeira enche para que as terras sejam adubadas.

Outros, também com enxada de pontas e outro material, sobem até a um antigo olival.

Muito há para arrancar!

Um outro, também armado, devasta-as à volta da mina, de onde corre para nossa Casa a água fresca e límpida.

E dando uma volta pelas terras quase tudo espera sementeira. Elas virão. Outras estão com a erva semeada.

Como já se disse, a azeitona mal se viu. Ainda se tentou subir... e nada. Alguma ainda escapou e foi armazenada nos potes; mas pouca.

Vendeu-se uma vaca, a «Peca», assim lhe chamávamos; não nos dava cria e pouco leite. Os vitelos foram pelo mesmo caminho.

Os tratadores têm mais atenção para as fornecedoras de crias e de leite.

Guido

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Cantinho dos Rapazes

Vamos então discorrer um pouco a partir da carta que ocasionou e fez o último **Cantinho**, escrita por um rapaz de 15 anos... que viria a ser o nosso Pai Américo.

A primeira coisa que dela salta é o amadurecimento de quem a escreve. É uma carta séria, com assunto bem exposto, em forma correcta e já bonita, que nos permite antever o singular e admirável cultivador da nossa língua.

Este amadurecimento não foi de geração espontânea; foi fruto de uma educação austera que não dava licença para desperdiçar o tempo. Apesar de nascido no seio de uma família remediada de bens, desde pequenino experimentou a felicidade de ser útil nas tarefas domésticas e nos trabalhos do campo, entremeados com os deveres escolares. Em 1 de Outubro de 1897 (faria 10 anos no dia 23 seguinte), terminada a Instrução Primária, ei-lo no Colégio de Penafiel, de onde passaria ao de Felgueiras, a prosseguir estudos. Dele escreve o Pai em Março de 1899: «O Américo, se continuar assim, há-de aprender o inglês, francês e alemão e depois... rua!» Assim foi, de facto, pois em Setembro de 1902 (tinha 14 anos) já há notícia de que «o Américo está no Porto numa loja de ferragens na Rua Mou-

sinho da Silveira, 110-112; e está muito contente». É escrita daqui a carta que temos diante dos nossos olhos e dos nossos corações.

Outro ponto que quero encarecer: É a aspiração de se cultivar, manifestada pelo próprio Américo no agradecimento ao irmão por ter-lhe escrito em inglês, língua que desejava conhecer e dominar como se fora a sua língua pátria. E não lhe eram estorvo as dificuldades, «pois esfolheando repetidas vezes o dicionário, pude decifrar o que dizia a carta». A mesma aspiração a exprime na desculpa apresentada ao irmão, por «não poder escrever-lhe no mesmo estylo (como era meu intento) pois que as ocupações da vida commercial não o permitem».

Muito mais tarde, já no fim da vida, ainda lhe encontrei eu ecos desta aspiração num lamentamento algumas vezes escutado: «Não sei nada de ciências naturais!» Ao que eu costumava responder com ironia: — E faz-lhe muita falta, não haja dúvida!! Nenhuma falta, na verdade, a ele, um cientista do divino!

Terceiro ponto para que vos quero chamar a atenção: A perspicácia com que o Américo lê, na carta a que responde, a profunda intenção que a enche, «um dever de bom Irmão: Nunca te esqueças de Deus nem deixes de ir à Missa aos domingos e dias santos»; e a justiça e a disponibilidade com que a acolhe.

Ao dever do irmão, «de bom Irmão», corresponde o seu de o tranquilizar. E fá-lo em todo o resto da carta, com modéstia, com discreção, fundamentando o descanso que lhe quer comu-

nicar, não só no seu comportamento até então como na bondade dos com quem está vivendo, garantia de que há-de continuar a comportar-se do mesmo modo.

No seu testamento espiritual deixou-nos Pai Américo esta recomendação absoluta: «Sem Humildade — nada!» Aqui temos, aos 15 anos, um primeiro retrato do Humilde que antes de tudo ele procurou ser.

O folgazão que, meses após, em nova carta ao irmão Padre José, lhe conta de como na festa de S. Braz, «como vi aquillo muito à minha vontade», saltou ao palanque e «cantei com o Rabeca e o Marecos e uma outra rapariga» — é o mesmo rapaz empenhado em forjar a sua alma que, volvidos mais uns meses (tem, então, 16 anos), lhe confidencia: «Agora é que eu sei o que custa, a quem quiser seguir, não digo por linha recta mas ao menos tremida, o caminho do Calvário. As tempestades são muitas e o navio é frágil. Enfim, aqui caio, ali me levanto, mas vou andando como posso». E, consciente dos obstáculos que dificultam a rectidão que deseja e dos meios que a permitem alcançar, remata com esta nota de acerto e de justiça: «Agradeço-lhe os conselhos que me deu com respeito à devoção a Maria Santíssima».

Como vêdes, os caminhos que Pai Américo trilhou são os mesmos que todos trilhamos: «linhas tremidas». O que importa é não desperdiçar o dinamismo da Graça que ele sempre abraçou, que ele sempre perseguiu. Assim, de pecadores, faz Deus os Seus Santos.

Padre Carlos

PORQUÊ?

Os anos passam. A **Obra da Rua** nasceu e cresceu. Tem uma vocação como todos os seres a têm. O aniversário é um momento que nos faz pensar. A medida que o caminho da **Obra da Rua** vai sendo conhecido, apetece-me unicamente agradecer. Nesta ocasião, como uma criança admirada diante do que vê e sente, não sei dizer mais nada senão: — Porquê? Esta pergunta só tem uma resposta: — Porque nasceu da Bondade de Deus; porque está alicerçada sobre a Pedra Angular que é Jesus Cristo.

Porquê tantas cartas que trazem a riqueza de muitas vidas? Tantas cartas que pedem lar para os que o não têm! Tanta força que ao longo dos anos vai unindo os que por ela passaram! Tantas contradições que vão dando sabor às vidas dos que a servem! Tanta alegria que se comunica! Tanta luz que se espalha! São caminhos de Paz

que se abrem a tantos corações que, de outro modo, não saberiam o que fazer. Há dias, chegou de Benguela (Angola), esta carta de um dos filhos da **Obra** naquela Casa. Ele diz tão bem! «É mais fácil procurar a chama para nos aquecermos do que manter o calor de uma chama já apagada». A chama apagada foi a Casa do Gaiato que se foi. Mas o calor não se foi:

«Tenho confiança e espero que o carinho, o amor e sobretudo o espírito de dedicação de Pai Américo não vos tenha faltado, da parte das pessoas que o representam e continuam com a sua **Obra** no meio de vós: os senhores padres, as senhoras, todos.

Saúdo-vos através do nosso jornal O GAIATO que mensalmente chéga a Angola e que tem sido para mim ponto único para saber algo de vós e, sobretudo, para compreender e

Retalhos de vida

José Manuel



Chamo-me **José Manuel Nunes Baptista**. Tenho dez anos. Sou natural de Lisboa e os meus pais levaram-me para Odivelas.

Entre na Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (Loures), porque os meus pais faleceram e vivia com a minha avó, já tão velhinha que não podia tomar conta de mim.

Frequento o primeiro ano do Ciclo Preparatório e, quando for grande, gostaria de frequentar um curso de cozinheiro, além de querer ser bombeiro.

Um abraço muito apertado para todos os nossos Leitores.

Esperamos, sempre, com alegria, a vossa visita à Casa do Gaiato do Tojal.

José Manuel

Aniversário

Cont. da 1.ª pág.

não devemos perder a esperança dos cumes nevados e banhados pelo sol.

◆ No 45.º aniversário falámos da beatificação de Pai Américo e da celebração do centenário do seu nascimento, em 1987.

Hoje, neste 46.º, mais esta nota:

A Conferência Episcopal deu parecer favorável à introdução do processo de beatificação. Mais: aconselhou urgência por causa da importância e validade dos testemunhos vivos.

Sobre o centenário, eis o projecto das celebrações — de acordo com os senhores Bispos:

a) Três momentos altos a evocar: O 7 de Janeiro, aniversário da **Obra da Rua**, em Coimbra; o 16 de Julho, morte de Pai Américo, em Paço de Sousa; o 23 de Outubro, seu nascimento, em Lisboa. Dar a estes três momentos projecção nacional (Pai Américo é de todos).

b) Medalha comemorativa do centenário.

c) Emissão de um selo.

d) Livro Facetas de uma vida (em preparação).

e) Semana de Pastoral Sócio-Caritativa centrada na Figura e **Obra de Pai Américo**.

Padre Telmo

Livro «OVO DE COLOMBO»

2.ª EDIÇÃO

Doente, como então era, o meu Prelado havia-me dispensado de todas as obrigações, tendo eu tomado esta, de visitar Pobres, por não servir para mais nada. Colocava Deus no meu caminho pessoas e factos que haviam de desabrochar mais tarde em uma **Obra** urgente e inédita — o Património dos Pobres. São assim os caminhos do Senhor...

Há muito guardava no meu peito o desejo de um testamento. Não queria morrer sem deixar algo aos Pobres. Tinha, até, pensado num grupo de três moradias. Tinha-as localizado. Tinha escolhido as três famílias contempladas. Tudo isto era um segredo. Só faltava a ocasião. Esta veio... As casas começaram-se. Deu-se-lhes jurisdição. O impossível torna-se praticável. Os que nunca tinham visto nem sabiam como descobrir a América, agora sabem. É o **Ovo de Colombo!**

D. Américo!

Mais livros da autoria de Pai Américo — **Pão dos Pobres**: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Isto é a Casa do Gaiato**: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); **O Barredo** (2.ª edição — nova recolla e selecção de textos); **Vlagens** (2.ª edição — reordenada e aumentada); **Doutrina**: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Morais Pinto Duarte (2.ª edição); **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

me programar. Queridos rapazes, é mais fácil procurar a chama para nos aquecermos do que manter o calor duma chama já apagada. Esta é a minha vida nos últimos anos: tentar manter o calor dessa chama de Pai Américo, ao passar por Benguela, cujo nome ainda hoje existe para toda a gente, embora a realidade dessa chama fosse apagada...

Quero partilhar convosco, neste momento, em que o nome de gaiato é somente uma escritura que vejo no papel e me leva muitas vezes a interrogações como estas:

Ficarei para sempre ausente da realidade do que é a vida no meio de rapazes? Haverá alguém tão generoso como foi Pai Américo, capaz de compre-

ender e ensinar e fazer o renascimento do rapaz na Família da **Obra da Rua**?

Partilho convosco esta ânsia e este desejo ardente que eu tenho e quero manter para que um dia possa estar no meio de rapazes como vós.

Alegrai-vos com o vosso Povo. Aquele Povo que sabe encontrar Jesus em todos os irmãos e que O descobre com maior facilidade nos Pobres, nos infelizes.

Alegrai-vos porque Pai Américo continua presente: Lá no Céu intercede por nós e na terra deixou os seus continuadores, ao mesmo tempo continuadores de Cristo tal como ele foi.

Cont. na 4.ª pág.



DOUTRINA

Não pecaram eles, nem seus pais...

Do Evangelho

■ Quem me dera saber transmitir aos amigos destes dizeres a nota impressionante daquele Pobre que visitei na manhã de Aleluia, dentro de um casebre de tábuas, coberto com capotes velhos, sobre uma enxerga do mesmo estofado!

■ Meu conhecido de hospitais e sanatórios, vou topá-lo em camarinhas de suor e exulta ao dar com os olhos em mim: «Sofro aqui desde ontem a Paixão do Senhor! Se as minhas orações valem alguma coisa — disse — foi o Senhor que o trouxe aqui, que estamos sem nada em casa!»

■ O Zé Francisco mora ao pé das telhas; é mesmo uma de vidro que empresta ao pequenino quarto a pouca luz que ele tem. Quando a fome lhe morde, desce o escadório e vem prostrar-se à esquina, a pedir pão. Já pisou Lázarus e Covões a tossir; e continua no mesmo peregrinar.

■ O casarão onde habita é um desses monstros da Beira, ocupado por gente fechada em copas e regido pela tremenda sublocatária; e porque não paga renda, fecharam-lhe a luz, a água e a lareira.

■ O Zé Francisco é um cadastrado em liberdade vigiada, meu amigo das enxovias, onde tantas vezes se viu obrigado a maldizer a batina negra; que naqueles antros do vício uma palavra de bem é moeda que não passa. Mas agora, sozinho, libertado dos companheiros, mudou-se a cor da batina porque ele também mudou. «Mulher, havemos de nos casar neste lugar de morte.» O Pobre não sabe a doutrina do Sacramento, mas sente algo da sua beleza: «Sim, Maria, há mais respeito. A Igreja vem-me buscar e tu serás a minha viúva e não a mulher que viveu com um homem, arrastada.»

O. Amín!

Do livro *Pão dos Pobres* (1.ª vol.)

SETÚBAL

● Escrevo na antevéspera de Natal.

Há pouco, estive com dois na Prisão do Pinheiro da Cruz. Saíram, daqui, seduzidos pela família e pelas falsas atrações que a vida aparentemente oferece. A realidade de quem não tem família, ali, fala com eloquência avassaladora. Foi a primeira visita que receberam desde que, há anos, ali se encontram. Acompanharam-me dois jovens meus, irmãos de sangue cada um de outro que passava epidemia de fugas e o atirou para a rua. Que eles vissem o que pode esperar os que nasceram do mesmo ventre!

Creio que foram lições como esta que levaram Pai Américo a fazer das Casas do Gaiato uma Casa de Família. A Família é exigente. Os Padres da Rua e as Senhoras que servem a Obra não têm família. A sua é a deles. O nosso Natal vai ser uma Festa de Família.

Um dos meus que nunca pede nada está sempre pronto para tudo. Onde ele puser as mãos a coisa resulta com limpeza. Não tem medida para a sua generosidade. Teve comigo uma luta e venceu. Quis dar-me o seu vencimento de Natal: vinte e oito contos! Nenhum argumento foi demovedor. Olhou para mim com um olhar indescritível e implorou: — **Aceite!** Nunca uma tão linda

prenda de Natal! A vida da rua é um contínuo sofrimento, mas a ela é inerente um caudaloso rio de felicidade.

● Ontem, domingo, logo de manhã, um telefonema avisava a dádiva de meia dúzia de caixas de tainha fresca. O Carlos Martinho atendeu. Aproveitando o transporte dos vendedores d'O GALATO, trouxe imediatamente o peixe fresquinho.

O chefe de piquete não se importou com o arranjo e o amanhã do peixe; e, quando

cheguei do trabalho apostólico, às 14 horas, a D. Conceição estava desvairada. Desabafando, disse-me que não lhe apetecia «fazer o jantar já que ninguém arranhou o peixe». Fui-me ao chefe e perguntei: — Porquê?!... Sem resposta, mandei que fosse o chefe a preparar o peixe. O moço fez vinte anos! Não vai à tropa porque ficou para a reserva territorial. Não quis ir e disse aos pequenos que não se interessava.

— Que hei-de fazer, meu Deus?! É domingo. Há uma festa

Correspondência de Família

«Vendas Novas, Dezembro/85

Caros irmãos:

Tentar juntar-me a todos vós nesta quadra festiva do Natal e Ano Novo não é mais que uma manifestação de Saudade e reconhecimento à grande Família que é a Obra da Rua.

Quando nos sentimos ligados a alguém que nos ama, não são os anos que nos fazem esquecer todo o carinho e amor que recebemos.

Como gaiato que sou, embora já com lar formado, jamais posso esquecer a figura de Pai Américo e a Obra da Rua que

tantos Natais oferecem diariamente ao mundo pobre e desprotegido.

Se as crianças são o futuro, então porque não as preparamos com humildade oferecendo-lhes uma alma sã, sem fantasias e sem preconceitos de pobreza ou riqueza? Elas são iguais e merecem-nos todo o respeito.

Tudo isto para vos dizer que somos uma grande Família e que o Natal é uma festa familiar. Nunca desprezeis a vossa família, pois além dos vossos próprios familiares tendes uma outra que é a Obra da Rua.

Simplifiquemos a festa de Natal... O Menino Jesus também nasceu Pobre e tinha a grande Riqueza que todos nós conhecemos. Dentro de cada pobreza existe uma grande riqueza.

Que este Natal sirva para lembrarmos os nossos Padres da Obra da Rua, os Doentes do Calvário, os nossos «Batatinhas» e todas as nossas Casas do Gaiato.

Para todos vós desejo um feliz Natal e Ano Novo.

Do vosso irmão,

Manuel Fernandes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

pletar estas recordações com palavras de Pai Américo: «Dias depois (do encontro da Estrela), o senhor D. João Campos Neves mais eu fomos a Santo Antão do Tojal ver a quinta da Mitra que fica no concelho de Loures, a 20 quilómetros de Lisboa. Andámos por ali um ror de tempo. Era um palácio arruinado. Era uma igreja arruinada. E aquilo aonde nos havíamos de instalar, carecia de obras importantes de adaptação. O senhor D. João riscava, propunha, jasinuava. Eu não dizia nada. Eu estava calado. Um monte de ruínas me tinham dado em Paço de Sousa. Um monte de ruínas me ofereciam agora. Encontrava-me desanimado interiormente e disse que sem falar com o meu Padre Adriano nada resolvía. Um mês depois, podiam ser vistas duas figuras de preto naquelas ruínas que foram outrora opulência. Era o mês de Agosto. O sol fazia lume. As duas figuras de preto mediram a extensa quinta com passos vacilantes. Percorreram salas desmanteladas da antiga vivenda dos Cardeais. As nossas Casas do Gaiato do Porto e de Coimbra estavam cheias de rapazes abandonados. Mais e pior: Todos os dias éramos obrigados a dizer que não a quem nos procurava. As duas figuras de preto entreolharam-

-se. Dois corações, duas vontades, um pensamento e uma palavra: sim. As duas figuras de preto éramos nós ambos: Padre Adriano mais eu. Regressámos a Lisboa. Pedimos a a bênção a Sua Eminência o Cardeal Cerejeira e seguimos para o norte: **binos...**»

Eis, a traços largos, a história da génese desta Casa com as palavras autorizadas de nosso Pai Américo ou com elementos colhidos no livro de efemérides iniciado pelo Padre Adriano, (falecido em 16/11/82), que muito sou e sofreu para levar a cabo a presença da Obra da Rua nos arredores da Capital. Os nossos Amigos poderão, assim, recordar ou inteirar-se, se mais novos, das pessoas envolvidas em todo o processo, bem como supor os trabalhos e canseiras dos pioneiros, de quem somos pobres sucessores.

Neste dia, ao cair a tarde, no Altar improvisado no salão de festas, a todos lembraremos, obreiros de dentro e de fora, vivos ou mortos, por imperativo de justiça e de caridade cristãs. Vamos continuar. Lembrar os que nos antecederam é, para lá do mais, um estímulo para os nossos trabalhos; ter presentes os vivos é uma exigência do nosso compromisso. Que o Senhor a todos abençoe. Bom Ano.

Padre Luiz

de Natal para que os Rapazes estão convidados. Há ensaios. Tenho o escritório num desalinho.

Pus o avental, agarrei numa faca e foi até às tantas da noite a amanhar peixe.

Valeu-me o «Areosa» mais a esposa e o Zé Moreira — antigos gaiatos — visitantes neste dia. Eles já têm filhos na idade deste. Foram os meus cireneus.

Espero que a lição tenha valido. O trabalho dos Rapazes não pode ser feito pelo Padre. Mas o Padre, numa Casa de cento e trinta, não se pode demitir. O chefe tem de pensar seriamente o seu lugar. **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.** Só assim uma Casa do Gaiato!

Padre Acílio



O «Passarinho» e os filhos

«Anet (França), 5/12/85

Eu fui o primeiro «Passarinho» da Casa do Galato de Paço de Sousa. Foi Pai Américo que me levou para aí.

Aí vai a fotografia para O GALATO. É o minho do «Passarinho» e dos filhos, hoje netos da Obra da Rua.

Pelo correio vai um vale de três contos. É pouco mas é de boa vontade, porque no mês de Julho fiquei sem trabalho e agora ganho menos...

António Emídio dos Santos»

PORQUÊ?

Cont. da 3.ª pág.

Nestas quase bemaventuranças, sinto-me também alegre por ter sido um gaiato e, agora, sem inverter o lema ou falhar uma palavra, digo-vos — confiando em Jesus a Quem todos

procuramos servir; recebam da parte de Deus a garantia de que sou da Casa do Gaiato para os gaiatos.

O meu abraço para todos vós e o desejo de muitas felicidades.

Manuel Kalemba»

Porquê? Admirados, agradecemos esta maravilha!

Padre Manuel António

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PACO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paco de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Dezembro de 1985: 56.630 exemplares.